

Conheça o analista^{1,2}

Fernando José Barbosa Rocha³

*Ser analista, ser objeto de transferência para uma outra pessoa
é, por sua vez, aceitar transferir parte de sua vida privada
para que outro reencontre - ou às vezes,
apenas encontre - sua própria vida privada.*

André Green (1974)

RESUMO O autor apresenta neste artigo algumas dimensões do fazer psicanalítico. Discute conceitos básicos da psicanálise – tais como: formação, inconsciente, linguagem, transferência, primeiras entrevistas –, articulados com algumas vinhetas clínicas. Faz um paralelo entre o *setting* cinematográfico e o *setting* psicanalítico, valendo-se de um caso clínico, a fim de melhor discutir o lugar da psicanálise e o lugar do psicanalista.

PALAVRAS-CHAVE: formação; inconsciente; transferência; *setting* psicanalítico/*setting* cinematográfico.

Algumas palavras sobre a formação

Ao ser convidado para participar desta atividade com os candidatos neste Congresso, sinto-me muito honrado e também consciente do peso da minha responsabilidade.

1. Trabalho originalmente publicado na Revista **TRIEB**, volume 4, n.1 e 2, em 2005.

2. Este trabalho foi discutido no Encontro com Candidatos “Meet the Analyst” no 44º Congresso Internacional de Psicanálise da IPA, Rio de Janeiro, 28, 29, 30 e 31 de julho de 2005.

3. Psicanalista. Membro Efetivo com funções específicas do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Se a finalidade deste encontro é “conhecer o analista”, considero pertinente iniciá-lo dizendo em poucas palavras o que penso ser de maior importância na formação psicanalítica. O termo “formação”, em um sentido mais abrangente, vincula-se ao de educar, tendo suscitado questionamentos, já que o vocábulo “formar” admite também o sentido de encaixar, de modelar a partir de um referente. Quando o ato de *formar* e *educar* atrela-se ao sentido de modelar, prevalece uma perspectiva de formação que visa a adaptar ou a adequar (Nascentes, 1932). Entretanto, outras concepções abordam a ação de *formar* ou *educar* como práticas que preparam o sujeito para lidar com o novo, o imprevisível, vendo nesse processo uma implicação com a “tarefa de renovar o mundo”, ou seja, uma *formação* ou *educação* apoiada na criatividade (Arendt, 1972).

Explorando essa temática, Hannah Arendt ressalta o paradoxo que encerra a ação de *educar* ou *formar*, uma vez que esta não pode abrir mão “nem da autoridade nem da tradição”, mas é, apesar disso, obrigada “a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição” (p. 245-6). No entanto, apesar de vivermos uma época de enfraquecimento de valores éticos, em que predomina a busca do gozo incessante, o anseio pelo ilimitado, expressando a avidez de um homem que acompanha, controla, consome produtos e informações de maneira indiscriminada, o formador permanece tendo como ofício “servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado” (p. 244).

Participando de um mundo no qual predomina o descartável e o efêmero, o homem tende a eximir-se de qualquer compromisso com o “longo prazo”. Tenta abolir vínculos entre passado e presente e, sem se voltar para o futuro, vive o “fluxo do tempo num presente contínuo”. Como quem corta o “presente nas duas extremidades”, busca “apartar o presente da história”, mantendo o tempo tão somente como um “ajuntamento solto, ou uma sequência arbitrária de momentos presentes” (Bauman, 1997, p. 113).

Assim, cresce a complexidade que envolve qualquer ação formadora, uma vez que, vigorando o fluxo contínuo de um tempo sempre presente, o processo de *formar* ou de *educar* refere-se não só ao conteúdo de um determinado conhecimento, mas também aos elementos constituidores de um patrimônio cultural, visando a tornar o homem ciente de sua história social e consciente do sentimento de pertencimento sociocultural, garantidor de uma memória passada que o insere em uma continuidade histórica.

Delineiam-se, então, duas visões opostas quanto ao ato de formar: uma, em que a formação restringe-se a um ato informativo, sem a preocupação de desenvolver uma capacidade crítica e que visa a modelar o sujeito já existente; outra, percebida em sua globalidade, transcende a informação ou mesmo o conhecimento, realça que a importante tarefa de uma formação é a de conduzir o sujeito para a *emancipação* e não para a *adaptação*. Esta última visão é, a meu ver, a mais apropriada à formação psicanalítica.

Consideramos, pois, que uma formação não deve se limitar nem a informar, nem à aquisição de conhecimentos, mas privilegiar a *emancipação de cada sujeito* (Adorno, 1995).

Quando Freud introduziu a noção de formação em psicanálise, empregando o termo *Ausbildung*, o fez querendo ressaltar uma concepção de formação que conduzisse a uma prática de autocrítica, de interrogação, em oposição à noção de modelo (Mannoni, 1989). Trata-se de um “voltar-se para dentro de si”, mas não como mergulho permanente no ensimesmamento, e sim como possibilidade de interrogar-se, principalmente no que se refere ao trabalho empreendido com o analisando. Assim, as acepções depreendidas do termo *Ausbildung* possibilitam vislumbrar o papel fundamental que a análise pessoal e a supervisão adquirem na formação psicanalítica.

No processo de análise pessoal, cujo acesso é determinado pelo dispositivo analítico da atenção flutuante, da abstinência, da livre associação e da transferência, são criadas as condições para que ocorra a prática da autocrítica, a indagação sobre o desejo e a possibilidade de ser analista, imprescindíveis no desempenho da função psicanalítica. No entanto, não podemos esquecer que a transmissão da psicanálise, além de ocorrer pela via privilegiada da análise pessoal, também se vale de outros caminhos, como o da supervisão e o do conhecimento dos pilares fundantes da teoria psicanalítica, que não serão diretamente abordados neste texto.

Quanto ao término de uma formação psicanalítica, este fica restrito a um tempo instituído segundo os critérios estabelecidos pela instituição, uma vez que a formação não está calcada apenas na aquisição de um conhecimento teórico. Não haveria, portanto, um término definitivo, mas um preparar-se para um novo ciclo, pois o “ensinável” em psicanálise é propulsor de um permanente questionamento que confronta o analista com o exercício de sua função. Formar seria, então, inserir o analista na dimensão indagadora em que o ato de investigar encontra-se indissociável de um saber em constante transformação.

Algumas palavras sobre o lugar de analista

Quando Freud insere a psicanálise no rol das ciências, exige que nela sejam reconhecidas as características singulares de seu objeto – o inconsciente – que, embora intangível, não perde sua “legitimidade”, ainda que só se revele como “consciente”. Mas, interroga: “Como chegar à consciência do inconsciente?”. E ele próprio responde: “após ter sofrido uma transposição ou tradução consciente” (Freud, 1915/1968, p. 65).

Esse processo de tradução é propiciado pelo “trabalho psicanalítico”, e para levá-lo a cabo, faz-se necessário que o analisando vença determinadas resistências. Por esse processo, Freud demonstra que “a hipótese do inconsciente é necessária e legítima” (p. 66), e nos lembra que o recalco produz efeitos que, por atingirem a consciência, garantem a veracidade do inconsciente, a legitimidade de sua suposição e o próprio trabalho analítico.

Uma vez que os efeitos do recalco podem chegar à consciência, a palavra será o elemento fundamental para o trabalho analítico. A ela cabe operar a circulação entre consciente e inconsciente, pois, ocorrendo por meio da consciência, é a palavra que também revela a existência do inconsciente, no momento em que rompe com a lógica da consciência. Em “Contribuição à concepção das afasias” (Freud, 1891/1983), Freud nos mostra que há, na linguagem, uma estrutura afásica, já que fenômenos como atos falhos, esquecimentos, lapsos podem ocorrer sem a justificativa de lesão neurológica – em estados de cansaço, ou como no caso das crianças que inicialmente aprendem a mensagem falada para, posteriormente, adquirirem o signo. Podemos, então, compreender a amplitude que há na ruptura que Freud opera ao abandonar o método hipnótico em proveito da associação livre, técnica que visa, por meio das palavras, a abrir vias de acesso ao inconsciente, possibilitando que conflitos ganhem expressão por meio da não seleção voluntária de pensamentos, do material onírico, do lapso da fala, dos equívocos na ação etc.

O desenrolar desse processo exige um *setting* analítico: espaço onde se estabeleça um jogo de posições que envolva analista e analisando. Nesse jogo, porém, o único que efetivamente deve ter uma clara posição, um lugar definido, é o analista, já que o analisando, via de regra, busca a análise justamente por não conseguir ocupar um lugar a ele conferido.

Nem sempre quem vem ao consultório de um analista pedir ajuda chega com o desejo consciente de realizar um trabalho analítico. Sabemos todos que o neurótico que geralmente nos procura é aquele que não aceita a

troca já realizada e irreversível entre os ideais do ego ideal e o ideal do ego – ideais da cultura⁴.

Dizer, então, que já foi aceita a troca dos ideais do ego ideal pelos ideais do ideal do ego é dizer que o objeto materno, enquanto objeto do desejo incestuoso, já foi renunciado. Neste caso, o sujeito, mesmo sob conflito, estaria interdito; já estaria, mesmo sem o saber, submetido à castração simbólica.

Entretanto, o que o faz sofrer é justamente a produção de sintomas que expressam a sua resistência em aceitar esse lugar. Sob esse enfoque, a análise não seria buscada pelo sujeito com o objetivo de fazê-lo aceitar a interdição à qual já fora submetido. Em geral, o sujeito que busca análise o faz movido pelo desejo inconsciente de que a análise o faça voltar a uma suposta indiscriminação, responsável pela “felicidade perdida”.

Embora a psicanálise não se reduza à comunicação verbal – bem sabemos que, no processo analítico, todo gesto e toda ação, enquanto língua, podem estar repletos de sentido –, somente através dessa forma de expressão torna-se possível ao analista discriminar se a significação oferecida aos vários sentidos produzidos pelo paciente traduz conteúdos inconscientes. É ocupando um lugar simbólico que pode o analista obter uma escuta na qual lhe seja possível distinguir no paciente o que dele fala por meio do processo primário – linguagem assimbólica –, mesmo que essa fala seja expressa pela linguagem simbólica – processo secundário. É desse lugar que a linguagem, para o analista, antes de se prestar a informar, visa a provocar/evocar no paciente tudo aquilo que de sua história permanece adormecido, porém pulsante, à espera de expressão. É assim que, no processo analítico, as várias associações feitas pelo paciente talvez não passem de um *nonsense*. Quando surgida de uma evocação – de algo que provoca no paciente uma sucessão de imagens cujo conteúdo se autonomiza na situação invocadora – o *nonsense* se transforma em uma produção de sentido.

No que concerne à interpretação, concordo com Aulagnier (1996), quando situa o “interpretável” como sendo um “objeto” que somente pode se constituir no espaço do tempo da sessão e que vai “exercer uma ação de imantação e

4. Embora o conceito de ego ideal possa ser depreendido do texto freudiano, aceitamos a definição fornecida por alguns autores que conceituam como uma formação intrapsíquica na qual predomina o ideal de onipotência narcísica, forjado sobre o modelo do narcisismo primário. Para Lagache, por exemplo, o ego ideal é concebido como um ideal narcísico de onipotência – ou seja, a mãe. Já para Lacan, o ego ideal é também uma formação essencialmente narcísica que encontra sua origem no “estádio do espelho” e pertence ao registro do imaginário.

de seleção sobre os pensamentos que se apresentam na psique dos dois sujeitos”, constituindo um momento de encontro da dupla paciente-analista, momento de interpretação, de colocação em palavras. Trata-se de um momento de um “compartilhar emocional, que permite ao paciente ter acesso a algo que até então estava excluído de seu leque relacional” (p. 401).

O cinto

Certa vez, o analista recebe sua paciente com alguns minutos de atraso. Esta não faz qualquer alusão ao fato. Já no divã, nela perfilam sucessivas imagens, cuja tônica é a queixa: queixa-se de que o analista não lhe havia respondido às perguntas que fizera na sessão anterior. Em seguida, tece comentários sobre o desinteresse do analista em relação à sua pessoa. Ao mesmo tempo se perguntava até que ponto tudo isso não seria um indicador de que o analista não desejava prosseguir seu tratamento, dispensando-a. Na sessão seguinte, ela esquece um cinto na sala de espera e, quando retorna à sua sessão seguinte, encontra seu cinto sobre uma mesa. Ao entrar, exclama: “Ao chegar em casa, dei-me conta de que havia esquecido meu cinto aqui”. Pega o cinto e deita-se no divã. Em seguida, menciona ter sonhado, na noite anterior, com um tio. Esse tio desempenhara um importante papel na vida da paciente, uma vez que assumiu a função paterna desde que seu pai morrera. Sem se prender ao relato do sonho, conta o fato seguinte: ainda criança, insistira em acompanhar o tio em uma viagem aérea. Em meio à viagem, ele passa mal, vindo a enfartar e, em seguida, morrer. “Eu estava sentada ao seu lado quando ele desmaiou. Lembro-me da aeromoça desatando os nossos cintos e levando-me para os fundos do avião sem que eu soubesse exatamente o que ali se passava”. A paciente faz uma pausa e diz: “Eu era ‘amarrada’ nesse meu tio”. O analista pontua, evocando a imagem do cinto – sentir – que ali esquecera. Nesse momento, a paciente se emociona e chora. Entre pranto e palavras, faz uma ligação com o que sentira com o analista, dizendo: “Talvez por isso eu tenha tanta facilidade para viver sempre a iminência do desinteresse por mim, do abandono”.

Nessa sequência de cenas, ressalta-se a surpresa, pois em nenhum momento houve uma intencionalidade no atraso do analista, nem a negação de tal ocorrência. Portanto, se o atraso surpreendeu a paciente, sendo o móvel de uma cadeia associativa, não deixou de surpreender o analista, ao constatar que um atraso, que não fazia parte de qualquer estratégia que beneficiasse uma técnica, produzisse um efeito seguido de tais desdobramentos. Ao lado disso, não deixa

de ser surpreendente a magnitude do efeito causado por um atraso que, se pensado em termos cronológicos (cinco minutos), poderia ser irrelevante.

O atraso do analista provocou na paciente as várias vivências de perda, abandono e morte. Diante dessas ameaças, nas quais passava a ser incluído o analista, a paciente comete um ato falho se deixando presente através do cinto. Cinto que a manteve “amarrada” ao tio-analista. Amarração que somente pôde ser elaborada no momento em que verbaliza a morte do tio na cena analítica. A expressão verbal propiciou-lhe, por meio de uma revivência diferenciada, a simbolização, na qual se tornou possível distinguir o seu pensamento imaginário que, por meio da transferência, fundia a figura do tio à do analista. Atravessada por um *acontecimento vivencial*, há na paciente uma subversão do seu pensamento imaginário, permitindo-lhe discriminar as figuras do tio e do analista, encontrando, ao mesmo tempo, na cena analítica, não só o lócus dessa vivência, mas o anteparo à dor, que, embora abafada e aprisionada, esperava o “ritmo que a libertasse”, no dizer do poeta Mário Quintana. A força libertadora da palavra vibra melhor quando dita no seu poema “Emergência”:

*Quem faz um poema abre uma janela
Respira, tu que estás numa cela abafada,
Esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
para que possas enfim,
profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado*

Mário Quintana (1977)

Podemos comparar o *acontecimento vivencial* da cena analítica como uma singularidade impossível de ser prevista, tanto pelo paciente como pelo analista. Talvez possamos comparar tal situação àquela vivida pelo navegador: este pode até conhecer tudo sobre um caminho que irá percorrer – todas as paradas, todas as paisagens que encontrará –, porém jamais poderá prever como ocorrerá cada viagem, à semelhança do psicanalista, que, embora conheça o caminho teórico que constitui o processo analítico, jamais poderá prever cada cena analítica. Em ambos os casos, do navegador e do analista, a singularidade consiste na própria realização do percurso, que jamais poderá ser descrito antes de ser realizado. É no percorrer que o percurso se revela. Só podemos dizer sobre um *acontecimento vivencial* na cena analítica após sua realização, o que significa

fazer um relato. Relato que, à maneira daquele feito pelo navegador sobre a sua viagem, está marcado por um conhecer sobre a arte de analisar.

Em ambos os casos, o êxito da viagem – seja do navegador, seja do analista – depende da maneira como conduzir o “barco”, implicando a aceitação de que apenas o conhecimento teórico do funcionamento de um barco ou do processo analítico, embora necessários, não são suficientes para garantir o percurso da viagem. Lançar-se, porém, como navegador-analista a conduzir um barco sem nada saber sobre essa arte, não garante que somente o percurso ensinará a navegar. Assim como a experiência do navegador se faz acompanhada de um conhecimento que advém do acúmulo das vivências das várias viagens, da mesma maneira ocorre na viagem analítica. Se o conhecimento teórico não garante o êxito do navegar – tanto da navegação, quanto da psicanálise –, isto não quer dizer que em ambos os casos somente o acúmulo de experiência seja suficiente. Na viagem analítica, deverá ser incluída, entre o conhecimento teórico e a experiência, a própria viagem analítica do analista, que antes de tornar-se analista fora analisando. Por ter navegado na sua própria análise, o analista reúne as condições básicas que, somadas ao desejo de tornar-se analista, poderão lhe possibilitar ser um ocupante do lugar de analista.

O analista, por experiência – já que um dia também foi paciente –, não ignora que situações como férias, atrasos, reajustes de honorários, impossibilidades de atender, ou mesmo uma troca de horário provocam mobilizações nos analisandos. O que surpreende é a maneira singular através da qual a história de cada um é evocada. O analista jamais seria totalmente surpreendido face a reações de um analisando que, ao longo do processo analítico, tem reativadas suas vivências de perda. Porém, o que surpreende, e certamente continuará surpreendendo, é a maneira singular pela qual cada analisando irá apresentar essa reação. Surpresa que jamais será abolida, pois não há como o analista prever através de qual situação a história de cada analisando será evocada. Não há, portanto, uma fórmula capaz de estipular o modo de o analista proceder nessas situações. O que não quer dizer que, sabendo que tais circunstâncias são mobilizadoras, não corra o risco de estabelecer uma relação calcada no seu próprio pensamento imaginário, antecipando-se com interpretações, antes de o elemento surpresa ser expresso pelo analisando. Sabemos que as férias do analista causam, por vezes, alguma mobilização no analisando. No entanto, sugerir-lhe o que ele sente com a separação é impedi-lo de expressar o que de fato nele está sendo mobilizado. Ao mesmo tempo, com essa postura, o analista estaria evitando para si as surpresas advindas da verdade inconsciente de cada analisando.

Já o analista é, como sugeriu Freud em “Totem e tabu” (1912/1970a) e em “Dinâmica da transferência” (1912/1970b), o lugar de suporte da transferência. Nesse lugar, é exigido do analista manter-se presente-ausente. Presente, porque ele é a mola propulsora da cadeia associativa, como lembra Freud, “não há transferência em ausência”. Se é possível dizer que a transferência perdura fora do *setting* analítico, é porque antes já houve presença. E “ausente”, no sentido de o analista não agir sobre o analisando a partir de conflitos ou valores pessoais. Neste sentido, enquanto lugar de transferência, o analista é suporte e representante das vivências inconscientes, que se expressam por meio das associações livres do analisando.

O pedreiro

Um analisando, de origem estrangeira, nos primeiros meses de sua análise, conta que havia sido separado dos pais, aos quatro meses de idade, devido a uma doença contagiosa que a mãe contraíra. Por isso, fora viver com os avós em uma pequena cidade do interior de seu país. Em análise, ele vinha falando sobre a figura paterna e, nesse dia, comenta, parecendo emocionado, sobre semelhanças entre a casa dos avós de sua infância e o ambiente do pátio do meu consultório. Refere-se às cores, aos odores, aos sons e ao mobiliário. Após certo silêncio, diz: “Hoje, ao sair de casa, vi, numa construção, um homem que lembrou você. Era um pedreiro, e tinha um ar inteligente... Ele estava sentado e tinha as mãos postas sobre os joelhos... Mãos calejadas. Para mim, mãos calejadas representam dignidade”. Silencia e depois exclama: “Ah, que coisa! O meu avô era pedreiro!”. Começa a trazer lembranças de sua infância, nas quais aparece uma demanda de atenção e de reconhecimento por parte da figura paterna. De minha poltrona, surpreendo-me pensando em uma das falas do meu ex-analista sobre a repetição: “Aquilo que se repete é o que não teve resposta, é o que faltou, pulsão amorosa sem resposta”. O encontro das transferências, nessa experiência analítica, abria novos caminhos psíquicos através do “pedreiro” – “pedra” – “Rocha”.

Podemos dizer que a meta principal da psicanálise é propiciar um movimento mais livre da energia psíquica, criando a formação de cadeias significantes, conduzindo a um movimento no qual se deem significações e ressignificações. Nesse sentido, dizer que o analista não apoia sua escuta em valores pessoais e em sua subjetividade é afirmar que, mesmo quando sua escuta é atingida pelo discurso do analisando, o analista deverá ir além do significado formal do que está sendo ouvido, sem fazer atuar suas vivências e associações,

mantendo-se em lugar discriminado àquele do analisando. Lugar do simbólico, o “lugar de analista” possibilita ao analista representar, de diferentes formas, os personagens demandados pelo analisando.

Se a receptividade é uma das qualidades mais importantes de um analista, permitindo, momentaneamente, que ele se deixe invadir pelo espaço psíquico do analisando sem reagir (Miller, 1996), não significa que ele “atue” a transferência do seu paciente. Dessa forma, podemos conceber a neutralidade como a capacidade de tratar e utilizar a própria realidade psíquica de uma maneira relativamente impessoal ou “despersonalizada”, deixando-se usar pelo analisando, enquanto objeto de transferência, para, no momento considerado adequado, retirar a máscara do personagem que lhe havia sido posta pelo movimento transferencial.

A partir do momento em que uma pessoa se instala na sua poltrona para escutar uma outra pessoa, numa sessão de análise, ela não mais dispõe dela própria para si mesma. Podemos, nesse caso, nos perguntar no que ela se transforma. A essa pergunta, Freud responde: “num instrumento” e acrescenta não ser fácil tocar o “instrumento psíquico”. P. Miller (2001) sugere que, se prosseguirmos nessa metáfora musical, seria mais adequado se pensar no aparelho psíquico transformado em uma harpa que vibrasse às palavras e à voz do paciente. Assim, diz ele, quando o analista, durante a sessão, sente ódio, amor, desejo, raiva, chateação, alegria etc., é preferível que não faça como se não estivesse sentindo nada, ou que atue os seus afetos. Se a neutralidade analítica não consiste em não sentir afetos, mas a não deixá-los prosseguir seu caminho “natural”, a força que esses afetos introduzem no processo analítico não deve ser abafada, pois se situa na origem da transformação psíquica. Penso que não se deve, selvagememente, “devolver” para o analisando o que estamos sentindo, dizendo-lhe simplesmente que é ele que está nos fazendo sentir tal ou qual afeto, mesmo porque não devemos esquecer que o inconsciente do analista, estando exposto, sendo acionado pelo que ele escuta do analisando, poderá ser sensibilizado, tanto no sentido de seu bom uso no processo analítico ou provocar resistências, “pontos cegos” na sua escuta. Daí a pertinência da análise do analista, pois sendo – enquanto analista – objeto de transferência, pode ser fator de mudança psíquica, dependendo da maneira como vai operar no campo transferencial. Desse modo, o analista jamais estará apto para se valer do que sente como se ele fosse um arauto do que o analisando teria dificuldade de dizer. Assim, à “contra-transferência sensitiva”, devemos antepor uma escuta do inconsciente, calcada nas associações livres e expressões transferenciais do analisando.

L. C. Menezes (1989), comentando sobre os riscos da transferência passional nas instituições de psicanálise, lembra que Piera Aulagnier descreve um tipo de psicopatologia clínica na qual o sujeito, para seu próprio equilíbrio, necessita induzir nos outros relações passionais. Menezes ressalta também que, para Aulagnier poderia existir entre os psicanalistas um “desejo de alienar”, suficiente para percebermos o quanto “a introdução da pulsão de morte na compreensão da transferência tem incidências sobre a patologia psicanalítica dos psicanalistas” (p. 25). Para Aulagnier (1996),

o que aparece, então, são os riscos de alienação passional, contidos na imobilização narcísica, defensiva, representada pela posse de um saber idealizado. Analistas e analisandos poderiam ficar, por essa via, protegidos da perda, já que no fim tudo continua, através do gozo partilhado do saber e do poder no seio da instituição. (p. 261)

Somam-se às reflexões de Aulagnier as de Freud, em “Observações sobre o amor de transferência” (1915[1914]/1970c), em que afirma que satisfazer a necessidade de amor é tão desastroso e aventureiro quanto abafá-la. Sobre essa afirmativa, Miller (2001) acrescenta que, sobre o sentir do analista, na sua mais íntima dimensão psíquico-corporal, deve haver um trabalho de elaboração específica que o impeça de fazer um uso pessoal de seu sentir. O êxito desse impedimento dependeria do esforço do analista para continuar a sentir sem parar de pensar, suspendendo, tanto quanto possível, o agir e reagir a partir da descarga de afetos. A suspensão da descarga permitiria, então, virtualizar o que estava prestes a acontecer numa resposta agida. Esta proposta de trabalho psíquico parte da evidência de que, embora seja o analista quem sente aquele afeto, não é ele quem é visado. Desse modo, pensa Miller (Idem. 2001), que a evidência do que é sentido constantemente, quando submetido a uma suspensão de atribuição e de propriedade, adquire uma dimensão outra, propiciando um distanciamento que permite a instauração da dinâmica do jogo simbólico. Assim, durante a sessão, os afetos do analista – submetidos às modalidades do seu trabalho de transformação interna – se constituem na possibilidade oferecida ao analisando de sair da compulsão de repetição. O autor lembra ainda que, para Freud, no que concerne à especificidade do trabalho do analista, a via na qual este deve engajar-se é distinta daquela da vida real. Por isso, ele nem deve satisfazer a necessidade, nem abafá-la. A neutralidade, nesse caso, estaria longe de proteger o analista. Ao contrário, ela o engaja em um incessante trabalho a fim de ele não responder pessoalmente. Ressalta Miller (Idem 2001), que a abstinência está

na origem da dinâmica da cura, que ela não é um estado, mas um movimento psíquico, resultante de um constante trabalho de regulação e de transformação das pulsões que o analista impõe ao seu aparelho psíquico.

Sob essa ótica, cabe lembrar Widlöcher (1979), para quem conduzir-se como psicanalista é ser capaz de desenvolver um modo específico de funcionamento mental que não nos é natural e para o qual nos prepara a nossa análise pessoal. O que se espera de um analista, então, é que cumpra sua função de catalisador do encontro que o paciente deverá fazer consigo mesmo, conduzindo-o a *tornar-se o que é*. Herrmann (2000) faz uma pertinente analogia entre a “cura psicanalítica” e a “cura do queijo”: “curado”, diz ele, “um queijo torna-se plenamente ‘queijo daquela espécie’”. E enfatiza que a cura na análise é a cura do desejo. Nessa acepção de cura, podemos compreender a cura analítica como aquela que visa propiciar ao paciente tão somente adquirir condições de realizar da melhor maneira possível suas potencialidades, uma vez que não se trata de retirar ou mudar alguma coisa da personalidade, mas de sazonar, amadurecer, desenvolver, palavras essas relacionadas à cura.

Algumas palavras sobre o relato clínico

O relato escrito de uma experiência clínica psicanalítica pode ser entendido como um tipo de criação reveladora de uma tentativa de travessia de um caminho que, perpassando a experiência do inconsciente – expressa na cena analítica por intermédio da transferência/contratransferência –, chega ao escrito. Quando dizemos que o relato clínico é uma “tarefa impossível”, é no sentido de que, por meio dele, tentamos comunicar algo que, sendo da ordem do processo primário, somente se torna comunicável a partir de uma linguagem simbólica, cuja expressão exige o processo secundário.

Diferente do que se passa com algumas áreas do conhecimento, a psicanálise, em sua dimensão clínica, é a que mais dificilmente se deixa resumir. Em outras disciplinas, a aproximação que possibilita ir da teoria à prática e vice-versa pode permitir a esquematização entre ambas. Tal aproximação, no entanto, não se faz alcançável na experiência psicanalítica, pois se nela há um objeto – o inconsciente –, esta experiência é da ordem da singularidade, constituindo-se em cada sujeito como uma “viagem” única e imprevisível. Viagem comparável a navegar à bússola: é somente *a posteriori* que se estabelecem os mapas e os levantamentos. Mas estes são indispensáveis à elaboração de uma experiência de outra maneira não governável (Pontalis, 1968).

O relato clínico é o resultado de uma escolha de momentos da experiência analítica que, ao ganhar uma expressão escrita, se torna o resultado do material de reflexão do analista. Portanto, o relato clínico é o momento de revelação de uma escolha, traduzindo a possível implicação, tanto teórica quanto subjetiva do analista.

Escrever a experiência clínica psicanalítica seria, assim, impossível, embora possamos escrever sobre uma experiência clínica. Podemos arriscar dizendo que tal escrita – por pressupor uma escolha – constitui-se também num momento de discriminação do analista, no qual ele, tomando distância da situação clínica, pode melhor elaborá-la. Momento de “descolamento”, de recuperação de seu próprio nome, já que o analista esteve imerso nos movimentos transferenciais.

A paixão de Françoise: sobre o olhar na cena psicanalítica

Da solidão de sua poltrona e penumbra de seu consultório, o analista vai iluminando as imagens que vão se formando a partir de sua escuta, escuta que convoca o seu imaginário e vai construindo cenas como um “filme”, cujo enredo (ou *script*) deve pertencer ao analisando. Buscando não se enredar no “enredo” do analisando, a “montagem” do filme, realizada pelo analista, no entanto, não poderá deixar de ter a sua marca. Assim, traduzindo em imagens o que escuta, ele não é apenas um espectador. Continuemos o nosso paralelo com o cinema: se neste as imagens podem acionar o inconsciente do espectador, na escuta analítica, ainda que o mesmo fenômeno ocorra, o analista não deverá se deixar invadir pelas emoções, como normalmente fazemos no “escurinho do cinema”. O que o analista sente, quando ocupando o lugar de analista, deve sofrer um trabalho de elaboração específica, que o desvia de um uso pessoal. Entre o *setting* psicanalítico e o *setting* de um filme existe algo em comum que é o olhar, guardando-se, bem entendido, as delimitações e as especificidades de cada campo. Se o olhar é o ponto em comum, vejamos agora algumas diferenças: a “entrada em análise”, não se resumindo à entrada no consultório, diferencia-se, evidentemente, da entrada numa sala de espetáculo. Todavia, a entrada em análise pode ir se esboçando desde o face-a-face das entrevistas preliminares, que podem conduzir o potencial paciente a implicar-se naquilo do que se queixa, e transformar assim um pedido de ajuda em demanda de análise.

O momento das entrevistas preliminares possibilita ao analista situar-se diante do tipo de demanda que lhe faz o entrevistando – paciente em potencial.

Nos casos em que o método psicanalítico for constatado como pertinente, ao analista cabe tentar transformar o pedido de ajuda em demanda de análise. Além disso, se há um prólogo da análise, este não se restringe apenas às interrogações referentes à demanda do entrevistando, mas também àquelas que o analista deverá se fazer sobre suas possibilidades de assumir o lugar de analista com aquele paciente singular (Rocha, 2000).

Se partirmos da ideia de que se submeter ao protocolo analítico, pagar os honorários, deitar-se no divã etc. não é suficiente para assegurar que uma análise ali esteja se processando, as entrevistas preliminares poderão constituir um momento decisivo para que se estabeleça um processo de análise que conduza à abertura do inconsciente, assegurando, assim, uma nova modalidade de funcionamento psíquico. Deste modo, a experiência psicanalítica visa a ser uma possibilidade de o paciente realizar uma experiência do inconsciente que o conduza à sua singularidade e à quebra da onipotência.

A respeito das entrevistas preliminares em psicanálise, P. Aulagnier (1973) fertiliza o debate quando formula a hipótese de que a análise ocorre quando o entrevistando aceita a existência do inconsciente. Essa hipótese indica também que, mesmo sem haver um saber formalizado do entrevistando ou um saber convergente com o do analista sobre a ideia de inconsciente, o reconhecimento de que este existe provocará impactos e consequências ao longo do processo. Essa abordagem traz, embutida, a ideia de que o sujeito teria consciência do conflito interno, possível indicador para ter justificada a sua demanda de análise. Nos casos em que não há indicação de “análise clássica”, quando o paciente se expressa sobretudo através de comportamentos sintomáticos que ocupam o lugar da elaboração psíquica, quando não há, por parte do paciente, a busca de um sentido inconsciente para o sofrimento, quando a ideia de um tratamento pela palavra é desvalorizada e o analista é mais solicitado na sua pessoa do que na sua função, é inquestionável a necessidade de se operar modificações no *setting* a fim de se fazer face a essas situações.

Além disso, se, na experiência de análise, a sequência das sessões é dada pela associação livre das ideias, movidas pelo inconsciente e conectadas pela transferência, no cinema, embora o inconsciente não esteja excluído, evidentemente ele está fora desse dispositivo psicanalítico. Existem, portanto, regras tanto para a condução de uma análise, como para a condução de um filme. Outro ponto de diferença relevante é que o olhar do analista não deve ser apenas olhar de prazer, de gozo de assistir, mas um olhar que, considerando a transferência, deve se destacar da imagem, levando o analista a pensar na condução do processo analítico para que este não fique desgovernado.

Se o destacar-se da imagem nos leva ao pensar, o analista, ao dispor no consultório a sua poltrona atrás do divã, estaria tentando dar uma forma concreta à divisão entre o olhar e o pensamento, instituindo assim a perda de vista como condição do pensar (Pontalis, 1968). Outro ponto a ser ressaltado é que, se no cinema o espectador deixa-se levar pelas emoções, a postura do analista quando ocupa o lugar de analista é bem diversa. Optei por uma abordagem clínica da temática do olhar na psicanálise, lançando mão de cenas de uma experiência psicanalítica, imaginando-a como o roteiro de um pequeno filme ou curta metragem. Imaginemos o nosso filme psicanalítico!⁵

Cena 1: A primeira entrevista

Estamos nos anos 1970, em Paris, onde eu clinicava naquela época. Françoise apresenta-se, para sua primeira entrevista, bem-cuidada e vestindo-se com elegância. Apesar do tórrido verão, ela não se separa do casaco com o qual está vestida. Expressão arrogante, tom de voz quase agressivo, mostra-se como se nela não houvesse falhas. Não há demanda de ajuda explícita, nem tampouco de análise. Diz ter vindo por indicação do analista X e, neste primeiro encontro, limita-se a falar sobre suas atividades como professora-assistente de uma universidade de Paris. Com uma postura aparentemente presunçosa e reativa, parecia defender-se com uma armadura de espinhos. Quando vai embora, deixa-me a impressão de lutar contra uma profunda depressão. Fui acolhedor e tive o cuidado de não ser intrusivo. Ao “perdê-la de vista”, dou-me conta de haver sentido por ela uma certa antipatia e fiquei pensando sobre o que teria se passado naquele primeiro encontro.

(Plano fixo, onde se vê Françoise face a face com o analista). Voz em *off*.

No seu fazer clínico, com cada paciente, o analista é questionado, de modo singular. É questionado, não apenas teoricamente, mas também em seu próprio ser, em sua própria carne. Ocupando o “lugar de analista”, quando, de sua poltrona, escuta seu paciente, ele não mais dispõe dele próprio para si. Segundo Freud, como já dissemos, o analista se torna “um instrumento”, e acrescenta não ser fácil tocar o “instrumento psíquico”. Assim, quando o analista,

5. Apresento este caso clínico de modo semelhante ao que foi apresentado em mesa-redonda: “O olhar no cinema e na psicanálise”, na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, por ocasião do lançamento da revista **TRIEB**, número especial sobre psicanálise e cinema, em que faço um paralelo entre *setting* psicanalítico e *setting* cinematográfico.

durante a sessão, sente simpatia ou antipatia, é preferível não ocultar o que sentiu, nem tampouco atuar os seus afetos. Esse trabalho psíquico parte da constatação de que, embora quem sinta seja o analista, não é ele quem é visado. A evidência do que é sentido, constantemente submetido à uma suspensão de atribuição e de propriedade, adquire uma dimensão outra, um distanciamento, permitindo a dinâmica do jogo simbólico. Deste modo, o sentimento de antipatia sentido naquela primeira entrevista é colocado em suspensão, podendo ser elaborado pelo analista.

Cena 2: “Não consigo tirar os olhos de você”

(Plano fixo onde se vê Françoise mirando-se numa fonte). Ouve-se em *off*.

*A penúria de quem
de tanto amar sem rumo
anda só e revém
sempre ao mesmo trajeto
para alinhar em círculos o aberto*

Rogério Luz (2005)

Plano móvel do analista que fala: Uma semana depois, em nossa segunda entrevista, Françoise parece ser uma outra pessoa: malculhada, triste, frágil. Mostra-se desamparada e conta-me, entre soluços, viver uma paixão amorosa por P, a quem idealiza, e de quem se sente dependente. P é um renomado professor, de quem Françoise diz já ter sido amante e de quem é assistente na universidade. Explica-me que, se, por um lado, consegue ser autônoma e ativa, desempenhando bem as suas funções profissionais, por outro, vive períodos de quase completa prostração, nos quais se tranca em casa, ficando muitas vezes “largada” no chão, em posição fetal, num canto do apartamento. Sem alimentar-se e descurando-se da higiene, respira com dificuldades, “num estado de desamparo, como se a vida lhe estivesse escapando”. Para que volte a “funcionar”, como ela diz, faz-se imperioso vê-lo. “Ele é o meu oxigênio”.

(Ouve-se o refrão de uma música que diz: “Não consigo tirar os olhos de você”). Voz em *off*.

O desenrolar dessas cenas no espaço analítico se dá com a expressão de grande sofrimento por parte da paciente, o que é diferente das cenas que podemos ver mediante a projeção numa tela de cinema. Enquanto, no cinema, o

sofrimento é sobretudo tratado do ponto de vista estético, no espaço analítico não é bonito o que Françoise conta expressando a sua dor.

Cena 3: Sonho da criança incompleta

(*Close sobre Françoise que diz, voltada para a câmera, a fala que segue*)

“O sonho ocorria onde a gente morava quando eu era pequena. Eu estava zangada com a minha mãe. Meu pai também aparecia, mas como espectador. Na casa havia um canto que me pertencia e era onde estava a criança anormal, incompleta, feia, que mijava nas fraldas, mas que, ao mesmo tempo, era grande e falava como adulto. Ela morava comigo e com minha mãe que não queria que se ocupassem da criança. Mas eu me ocupava muito bem. Às vezes a criança era guardada na geladeira, às vezes eu estava com ela no *toilette*, o que provocava brigas enormes com minha mãe”.

(Plano fixo de uma criança de costas e da mãe com os olhos fechados).
Voz em *off*.

A vista, nós podemos perdê-la, mesmo quando dela dispomos. Nós a perdemos quando estamos fascinados, medusados, quando a morte e não a vida está nos nossos olhos (Pontalis, 1968). Supomos que ela é essa criança incompleta que não teve o olhar da mãe; esse bebê que quer ser olhado como não foi olhado; é o bebê que ela quer cuidar, mas na condição de ser escondido do olhar da mãe. O que que terá de especial esse olhar? Talvez, representando um bebê incestuoso, a mãe não tivesse podido olhá-lo? A angústia escópica da mãe poderia ser uma expressão sintomática de suas fantasias incestuosas e consequente desejo de morte do bebê? Essa problemática materna aparece numa cena contada por Françoise, na qual sua mãe aparece tentando contrainvestir os seus desejos inconscientes de morte do bebê-Françoise, quando não permitia que este fechasse os olhos para dormir. Não podendo olhar para o bebê, a mãe não pôde autenticar a imagem de Françoise? É por isso que Françoise precisa esconder o bebê do olhar mortífero, do olhar medusante da mãe? Essas interrogações nos levam a pensar na grande importância que teve para Françoise o olhar de P. É essa vivência do olhar que a mãe não deu, que Françoise pôde vivenciar com P, que a assegurou; olhar esse que ela perde quando P desaparece. A perda desse olhar a faz entrar em crise e o sintoma depressão passa a estar em função da perda amorosa. Através do sonho, podemos melhor compreender as vivências transferenciais de Françoise em relação a P. Este parecia representar para ela um ideal narcísico de completude – espécie de duplo – que, numa rela-

ção em espelho, deveria refletir uma imagem ideal, evitando, assim, a falha narcísica. Esse momento, que lembra o da construção do narcisismo primário, nos faz pensar no primeiro olhar da criança que, ao ver a própria imagem, imagina estar vendo um outro. Olhar que, lembrando o de Narciso debruçado sobre a límpida água da fonte Téspias, ao se ver, não mais pôde abandonar a fonte, pois, fazê-lo, seria abandonar a si próprio. É esse olhar que parece acender a paixão de Françoise. Olhar que não discrimina, posto que se faz respiração, oxigênio. Desse modo, contemplando, entrega-se ao sofrimento de um amor impossível, perdendo-se no outro.

Assim, quando o olhar perde de vista o objeto, surge a dor e o que está em jogo é algo da ordem da perda do olhar, de um olhar que pudesse autenticar a imagem própria do eu.

Cena 4: De olhos abertos

(Aparece a projeção de um filme super-8 com cenas da infância de Françoise com seus pais, seus avós e sua irmã). Voz em *off*:

Françoise tem, aproximadamente, trinta anos e possui o mesmo nome que o pai, no feminino. Este, já falecido, é descrito como uma pessoa plena de qualidades, e a ela dedicado, enquanto a mãe estava mais voltada para a irmã seis anos mais jovem. Entre queixas e críticas à mãe, conta-me que, certa vez, ouvira uma conversa entre a tia e a mãe, em que esta última dizia ter ficado muito nervosa, logo que a filha Françoise nascera: “Temendo que o bebê viesse a morrer, a impedia que fechasse os olhos para dormir, receando que não os abrisse nunca mais”.

Françoise cresce de “olhos abertos”, mas apresentando dificuldades para se ver, para se discriminar. Nela falta um olhar marcado pela diferença.

Após várias entrevistas, quando Françoise assume estar sofrendo e se coloca algumas questões, decidimos iniciar a análise.

Até o primeiro ano da experiência analítica, a constituição do campo transferencial se configurava de uma maneira particular: ela investia maciçamente o professor P, sem fazer qualquer referência ao analista, embora estivesse pontualmente em todas as suas sessões, demonstrando que tanto o analista quanto a moldura psicanalítica pareciam desempenhar uma função continente, vital para a paciente. Da minha poltrona, decido não movimentar muito a “água da fonte”, o que poderia perturbar os movimentos identificatórios que pareciam fundamentais para Françoise, naquele momento.

Cena 5: Perder de vista

(Vê-se plano fixo do consultório com o divã e a poltrona vazios). Voz em *off*.

Se, enquanto objeto de paixão, P refletia para Françoise a sua identidade, fazia-se necessário acalmar a angústia que suscitava a sua ausência, assegurando-a de que ele estava inteiramente à vista. Assim, “perder de vista” sendo o mais insuportável da perda, anunciava a sua incapacidade de amar o não-visível.

Cena 6: Hemorragia narcísica

Num discurso em que predominava a paixão, surge repentinamente em Françoise uma vivência da qual emerge o ódio, quando o professor P publica um livro e em seguida é entrevistado na televisão. Naquele momento, mostrando-se muito raivosa, Françoise fecha-se em casa, telefona para P, que não responde aos seus apelos. Deprimida e desesperada diz: “Não vou me suicidar, mas tenho ímpetos de ir embora, de partir para o hemisfério sul. Sinto uma enorme não-existência, sinto-me enlouquecer! Quando ele aparece na televisão, ele existe para os outros, não quero que ele exista para os outros. Ele se comporta como uma puta intelectual”. E acrescenta, vivenciando um estado de hemorragia narcísica: “Após este programa na televisão eu não me mexia. É como se estivesse me suicidando cortando as veias. Quanto mais eu o percebo forte, mais me sinto fraca, morta”.

(Aparecem dois planos: num deles vemos o professor P sendo entrevistado, enquanto, em outro, vê-se Françoise em casa, prostrada, em sofrimento). Em *off*, ouvimos:

Para Aulagnier (1979), na paixão amorosa, o eu coloca o eu do outro não somente como objeto de prazer, mas também como objeto de necessidade, ficando o próprio eu como se privado daquilo que somente o objeto poderia tornar possível.

Menezes (1989) nos lembra de que André Green, em artigo sobre a paixão, parece utilizar essa palavra quase como sinônimo de pulsão, “preocupado em chamar atenção para o que há de irracional, de anticonservador, de louco na pulsão sexual” (p. 25). Para ele, diz Menezes, “a loucura, a paixão, seriam propriedade, por assim dizer, inerentes a Eros e, como tal, presentes em todas as organizações psicopatológicas do registro da neurose, enquanto as psicoses são o terreno em que triunfam as pulsões de destruição” (p. 25). Mas, o que não é discutido por Green, diz Menezes, “é a questão de como se articulam essas pulsões de destruição, de desligação, com as pulsões sexuais, nas neuroses” (p. 25).

Voltaria, para concluir, à P. Aulagnier, para dizer, com ela, que na paixão há uma dissociação ou desintração entre Eros e Tanatos, tendências que ali se encontram menos atenuadas, menos encobertas que no amor. Na paixão, vida e morte na exacerbação, no excesso de seu movimento, deixa entrever o vazio sobre o qual caminha. (Menezes, 1989, p. 25)

Cena 7: O outro enquanto droga

Françoise sai para a rua em busca do professor P, como um adicto parte em busca de sua droga. Fazia-se imperioso vê-lo. Senta-se no terraço de um bar, por onde P deveria passar a caminho da universidade. Ao vê-lo, ela o segue a poucos metros de distância, sem lhe falar, sem que ele a perceba.

Françoise diz ao analista: “*Ce n’est pas la première fois que je le suis comme ça*” (“Não é a primeira vez que eu o sigo desta maneira”). O analista lhe diz: “*Je le suis... Vous êtes lui!*” (“Eu o sigo... Eu o sou... Você é ele!”).

(Plano fixo: Françaíse sentada em um bar). Voz em *off*.

Após a fala do analista pela primeira vez, Françaíse coloca-o mais diretamente em relação a ela, quando tem um sonho que se passa num jardim público.

Cena 8: Um sonho

Veem-se imagens de um sonho da paciente, no qual o analista empurra um carrinho com um bebê nos Jardins de Luxemburgo. O analista dirige o olhar à criança.

Voz em *off*. Nesta cena, podemos ver a paciente vendo-se na posição de quem é olhada e dando ao analista um lugar na transferência.

Entendemos que a intervenção do analista “*Vous êtes lui*” provocou uma vivência, na qual ela pôde experienciar uma separação da imagem do professor por ela construída. Se a intervenção do analista propiciou a tomada da relação primordial com a mãe – numa situação protegida, “dentro do carrinho” – ela também introduziu simbolicamente a figura paterna. Analista atrás do carrinho, como atrás do divã. É também a figura do pai quem propiciou uma sustentação materna. Imagino que, graças às vivências com o pai, Françaíse não se estruturou psicoticamente. Nesse sentido, esse momento de sua análise é ilustrativo de como ela foi capaz de processar ressignificações com o significante “*vous êtes lui*”, no lugar de aderir concretamente à minha fala.

Green (1974) diz que, quando Winnicott afirma que não existe o bebê, fazendo alusão à dupla que este forma com os cuidados maternos, ele é tentado

a acreditar que não existe a dupla formada pela mãe e a criança sem o pai. Entre o bebê e a mãe se encontra o pai, que está sempre em algum lugar no inconsciente da mãe, mesmo que ele seja banido ou odiado. Para Green, cada vez mais os analistas acreditam, quando eles comunicam a experiência pela verbalização, além de a elucidarem, reintroduzem pela palavra a presença potencial do pai, não por uma referência explícita a ele, mas pela introdução de um elemento terceiro nesta unidade comunicativa.

A partir da interpretação, Françoise pode dizer não à vivência e se diferenciar, pois já não quer mais se suicidar, como veremos na próxima cena.

Cena 9: O duplo

(Vê-se um *close* de Françoise falando ao analista). “Eu dizia sempre que era preciso que me suicidasse para que pudesse existir. Eu e ele éramos inconciliáveis! Mas agora sinto-me mais longe do suicídio e talvez a análise tenha a ver com isto”. “Se eu o mato um dia, não o farei de frente, acho que não vou fazer isto... Eu serei capaz de matá-lo em companhia da mulher”.

Voz em *off*. Se ela o mata de frente – ele representando sua própria imagem refletida – correrá o risco de também morrer. Eliminá-lo em companhia da mulher seria matar a identificação narcísica, conservando uma identidade própria?

Paralelamente a essa vivência de ódio – morte de P –, percebo Françoise tentando movimentos oscilantes de separação.

(Volta o *close* de Françoise falando, após ter escutado uma entrevista do professor na rádio).

“Ele falava de coisas do domínio dele e não do meu, se é que se pode distinguir! Todas as perguntas que lhe fizeram, eu as responderia como ele. Sou capaz de ser entrevistada em seu nome e dizer as palavras dele. A ideia da fusão é uma ideia calmante. Em resumo, posso viver na fusão total e não na liberdade”.

Voz em *off*. As intervenções do analista neste período eram no sentido de mostrar à Françoise seus movimentos de indiferenciação, confusão, alienação e suas tentativas e temores da separação, autonomia.

Essa imagem especular – o duplo – precisa ser eliminada para que ela possa existir sem estar amalgamada. Existir independente de P. Na análise, ela constata que este duplo revelou-lhe a própria incompletude, levando-a a concluir que já pode viver “sem olhar pra você”.

(Plano fixo onde se vê Françoise, de pé, ao lado da sombra do professor P no chão).

Em *off*: O duplo imaginário não é evidentemente a cópia do eu. O duplo tem a vertente do amor e do horror, ama-se o duplo, como o amor narcísico; e o horror ou a angústia é justamente por mostrar o que de fato ele é, mostrar a falha. Por isso se quer matar o duplo, ou eliminá-lo (Machado Guimarães, 2004).

Cena 10: A carta

(Vê-se plano fixo de Françoise escrevendo nervosamente uma carta).

Voz em *off*: Tomada de grande ódio pelo professor, decide enviar uma carta à universidade, acusando-o gravemente, o que provocaria consequências muito sérias, para ambos. Sentindo-se embaraçado, diante do que ouvia, o analista pensa que, se por um lado, não devia intervir diretamente na realidade, por outro, não podia, em nome de uma ortodoxia, permanecer “neutro” diante de um risco grave, comparável ao de suicídio ou homicídio, pois enviar a carta seria um ato de grande destrutividade. O analista decide dizer-lhe que seria uma perda para a sua análise ela tomar decisões de tamanho porte, sem antes compreendê-las.

Cena 11: O assassinato de P

(Plano móvel de Françoise matando P, e depois empacotando o corpo, cortado em pedaços).

Voz em *off*: Após vivências de ódio e morte do duplo, o analista percebe Françoise mais autônoma, levando a concluir já poder “viver sem você”.

Vê-se a paciente numa sessão desse período dizer: “Sinto algo mudado em mim, como se agora eu pudesse observar sentimentos mais verdadeiros. Escrevi um trabalho para o jornal e o fiz muito tranquilamente; de maneira muito diferente de quando escrevi a minha tese. Sinto-me em boa forma. Talvez eu nunca tenha me sentido assim antes”. E passa a relatar um sonho: “No sonho eu talvez tivesse matado P. Eu fazia parte de um grupo de jornalistas investigadores que estudavam o crime. Eu sabia de tudo. Eu fazia pacotes do corpo dele, cortado em pedaços”.

Voz em *off*. Após o “assassinato” de P, Françoise, em suas tentativas de separação-diferenciação, retoma nela aspectos idealizados colocados em P, ao mesmo tempo em que luta contra um sentimento de desagregação, através de pensamentos nos quais busca a reconstrução de uma imagem própria. Ela tenta, através da sublimação, se recriar, falando das origens, do começo e do fim.

Podendo confrontar-se com a falha, ela pode escrever um trabalho, mostrando que a saída de sua depressão foi através da sublimação.

Cena 12: Televisão

(Primeiramente, vê-se um plano móvel, no qual aparece Françoise, sob holofotes, radiante, sendo entrevistada e em seguida *close* dela falando em sessão).

“Após haver sido entrevistada pela Rádio e Televisão Francesas (ORTF), pensei na análise e me saí bem. Durante o programa, a minha sensação era a de ter tomado uma droga pela primeira vez; eu gostei e quero fazer logo um segundo programa. Senti uma emoção comparável a um voo. Quando a luz vermelha se ilumina no estúdio, a gente tem a sensação de decolar do solo. O jornalista que organizou o programa me atraía e nós rimos, fazendo algumas brincadeiras. Fiquei impressionada com o aspecto técnico, que transforma as minhas palavras banais em outra coisa. Sentindo a ORTF ao meu alcance, a ideia de meu suicídio fica distante. Penso no que falamos aqui, esta coisa de eu ser o mesmo que ele. O tema da minha entrevista foi o mesmo que o dele. Depois do programa telefonei para minha irmã e disse-lhe que P poderia morrer e eu ser entrevistada em seu nome. É o tema da osmose e da personalidade de cada um”.

Voz em *off*: A osmose comporta a ideia de uma membrana de separação. Françoise mudou de lugar. Deixando a posição de duplo, pode falar em seu próprio nome e ser tão importante quanto P.

Volta *close* de Françoise prosseguindo sua fala na sessão: “Não tenho necessidade de estar com ele para viver com ele. Não o verei jamais, mas ele é a pessoa que determina a minha vida. Sei que é loucura, que não é assim que as pessoas vivem, ou então, é normal, é o amor, e as pessoas não sabem o que é o amor. Hoje pus a água de colônia de P, mas coloquei só um pouquinho, não usei”.

Em seguida, ela refere-se a uma reunião na universidade à qual o professor não compareceu, dizendo: “Algum tempo atrás, diante de uma ausência dessas, sentiria um grande buraco, pois ser vista, ou vê-lo, era o mais importante. Eu só existia se ele me olhasse. Eu não gosto de fotos”. Nesse momento, o analista lembra-lhe um de seus sonhos, no qual apareciam fotos dela criança em companhia do pai e, também, um outro sonho em que o pai aparecia cego. Françoise fala: “Se o meu pai não pôde me olhar, só existe o olhar do espelho”. O analista lhe diz que, na posição na qual ele se situa na sessão, ela também não pode olhá-lo (ele não pode refletir a sua imagem). Ela responde: “Meu pai não me olha, e você também. P não me olha mais; somente P me olhou muito.

Lembro-me bem do olhar do meu pai, do olhar de P e do olhar do meu avô. Eu não tenho lembrança do olhar da minha mãe. Falta o olhar da minha mãe!”. À medida que se descobre, tenho a impressão de que Françoise também me descobre, e, para lutar contra a escravidão da relação narcísica, para conseguir a sua liberdade-individação, ela precisou colocar-se numa situação de proteção-*holding*, necessitando ser vista, como no sonho do carrinho de bebê.

Cena 13: O trem

(Plano fixo de um trem em marcha). *Voz em off*.

Na última sessão antes de nos perdermos de vista no período de férias, ela diz: (ouve-se a voz de Françoise) “Sonhei que estava dentro de um trem no Brasil, sozinha dentro de um compartimento. As outras cabines estavam cheias. No corredor do trem havia uma brasileira com um bebê nos braços”. *Voz do analista*: Surpreso com o sonho, porque se tratava do Brasil, para onde eu vinha passar as férias e porque nunca tinha sido feita qualquer referência à minha nacionalidade, indago: “O Brasil?”. Ouve-se novamente a voz de Françoise falando: “É o único lugar do mundo que eu tenho vontade de conhecer. P havia sido convidado, mas o seu visto fora recusado porque ele era de esquerda. O Brasil... Um pouco grande demais para mim; mas é o que mais me atrai na América do Sul”. Ouve-se novamente o analista: Digo-lhe ainda que ela fala de América do Sul, do Brasil, e que talvez esteja se indagando sobre a minha nacionalidade, sobre minhas origens. Ao que Françoise rapidamente responde: “Nunca pensei neste tipo de questão! Então você fala o português? Então no sonho você é a pessoa que vejo me levando nos braços? O meu pai me carregava, quando eu era criança”.

Ouve-se em *off* a voz do analista: O trem da transferência parecia tomar uma nova direção.

Há muitos anos eu e Françoise nos perdemos de vista.

(Plano móvel do trem em movimento, sumindo gradativamente, enquanto se podem ver as legendas finais com música ao fundo).

Conozca el analista

RESUMEN En este trabajo, el autor presenta algunas dimensiones de la práctica psicoanalítica. Discute conceptos básicos del psicoanálisis – formación, inconsciente, lenguaje, transferencia, primeras entrevistas -, articulados con viñetas clínicas. Hace un paralelo entre el escenario

cinematográfico y la escena analítica, a partir de un caso clínico, para mejor discutir el lugar del psicoanálisis y el lugar del psicoanalista.

PALABRAS CLAVE: *formación; inconsciente; transferencia; escena psicoanalítica; escenario cinematográfico.*

Meet the analyst

ABSTRACT *The author presents in this article some dimensions of psychoanalytic work. It discusses basic concepts of psychoanalysis – such as: formation, unconscious, language, transference, first interviews –, articulated with some clinical vignettes. A parallel between the cinematographic setting and the psychoanalytic setting is traced, using a clinical case, in order to better discuss the place of psychoanalysis and the place of the psychoanalyst.*

KEYWORDS: *psychoanalytic training, unconscious, transference, first interviews, psychoanalytic setting, film setting, the place of psychoanalysis and the place of the analyst, clinical report, to look (to see) in the analytical scene.*

Referências

- Adorno, T. (1995). *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra.
- Aulagnier, P. (1973). Temps de parole et temps d'écoute: remarques cliniques. *Topique*, 11-12.
- Aulagnier, P. (1979). *Les destins du plaisir: aliénation, amour, passion*. Paris: PUF.
- Aulagnier, P. (1996). L'interprétable et l'interprété. *Topique*, 61.
- Arendt, H. (1972). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- Bauman, Z. (1997). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (1968). L'inconscient. In: S. Freud, *Métapsychologie*. Paris: Gallimard. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (1983). *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF. (Original publicado em 1891).
- Freud, S. (1970a). *Totem et tabou*. Paris: Petite Bibliothèque Payot. (Original publicado em 1912).
- Freud, S. (1970b). La dynamique du transfert. In: S. Freud, *La technique psychanalytique*. Paris: PUF. (Original publicado em 1912).
- Freud, S. (1970c). Remarques sur l'amour de transfert. In: S. Freud, *La technique psychanalytique*. Paris: PUF. (Original escrito em 1914 e publicado em 1915).
- Guimarães, Machado. D. (2004). *Voz na luz*. Rio de Janeiro: Garamond Cinema.
- Green, A. (1974). L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 10.

Fernando José Barbosa Rocha

- Herrmann, F. (2000). A cura. *Alter*, XIX(1).
- Luz, R. (2005). *Diversos entre contrários*. Rio de Janeiro: Contra-Capa.
- Mannoni, M. (1989). Risque et chance de la supervision. *Etudes freudiennes*, 31.
- Menezes, L. C. (1989). A paixão na teoria e na clínica psicanalítica. *Ide*, 18.
- Miller, P. (1996). Devenir psychanalyste: les conséquences d'un choix singulier. *Topique*, 61.
- Miller, P. (2001). *Le psychanalyste pendant la séance*. Paris: Epitme-PUF.
- Nascentes, A.,(1932) Dicionário Etimológico da Língua portuguesa. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro
- Pontalis, J.-B. (1968). *Après Freud*. Paris: Gallimard.
- Pontalis, J.-B.(1994). A estação da psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 27(52).
- Quintana, M. (1977). Emergência. In: M. Quintana, *Apontamentos de história sobrenatural*. Porto Alegre: Globo.
- Rocha, F. J. B. (2000). Do pedido de ajuda à demanda de análise: sobre escuta psicanalítica e entrevistas preliminares. *Alter*, XIX(1).
- Widlöcher, D. (1979). Psychanalyse aujourd' hui: um problème d'identité. In : D. Widlöcher, *L'identité du psychanalyste*. Paris: PUF.
-

Fernando Rocha

fernando1rocha@uol.com.br